

O cometa

ELE FICOU POR UM INSTANTE na escadaria do banco, observando o rio humano que descia agitado pela Broadway. Poucos o notavam. E, quando o faziam, era de um modo hostil. Ele estava fora do mundo, “um nada!”, como disse amargurado. Ouvia algumas palavras ditas pelos passantes.

“O cometa?”

“O cometa...”

Todo mundo comentava. Até o presidente, ao entrar, sorriu condescendente para ele e perguntou:

“Então, Jim, você está com medo?”.

“Não”, disse lacônico o mensageiro.

“Achei que já tivéssemos viajado na cauda do cometa uma vez”, interrompeu afável o jovem escrivão.

“Ah, era o Halley”, disse o presidente, “este cometa é novo, bem desconhecido, dizem — maravilhoso, maravilhoso! Eu o vi na noite passada. Ah, a propósito, Jim”, ele disse, voltando-se de novo para o mensageiro, “quero que você desça até as câmaras subterrâneas hoje.”

O mensageiro seguiu o presidente em silêncio. Claro que queriam que *ele* descesse até o subterrâneo. Era perigoso demais para homens mais valiosos. Deu um sorriso desesperançado e ouviu.

“Tudo que tinha valor foi retirado assim que a água começou a vazar”, disse o presidente, “mas sentimos falta de dois volumes de registros antigos. Imagino que você possa dar uma procurada lá embaixo... não é muito agradável, suponho.”

“Não muito”, disse o mensageiro enquanto saía.

“Bem, Jim, a cauda do novo cometa nos atingirá ao meio-dia dessa vez”, disse o escriturário do cofre ao entregar as chaves. O mensageiro desceu as escadas em silêncio. Ele desceu abaixo da Broadway, onde a luz era fraca, filtrada por pés de homens apressados; e mais abaixo, até o porão escuro; e mais ainda, na escuridão e no silêncio,

sob a caverna mais profunda. Aqui, com sua lanterna pesada, apalpou as entranhas da Terra, debaixo do mundo.

Ele respirou fundo ao atravessar a última grande porta de ferro e pisar no limo fétido. Aqui finalmente havia paz, e ele seguiu tateando de mau humor. Uma ratazana passou num salto, e seu rosto rompeu teias de aranha. Ele procurou cuidadosamente pelo espaço, tocando prateleira por prateleira, o chão enlameado, as fendas e os cantos. Nada. Voltou para o fundo da sala, onde, de alguma forma, a parede parecia diferente. Sondou, empurrou e esquadrinhou. Nada. Afastou-se. Então, algo o fez voltar. Ele tateava concentrado quando, de repente, a parede negra moveu-se inteira, como se tivesse dobradiças gigantes, e a escuridão bocejou para além. Ele espiou dentro: evidentemente um compartimento secreto — algum esconderijo do velho banco, desconhecido nos dias atuais. Hesitante, entrou. Era uma sala comprida e estreita com prateleiras, e na outra extremidade havia um antigo baú de ferro. Em uma estante alta estavam os dois vo-

lumes de registro perdidos, dentre outros. Ele os separou com cuidado e andou até o baú. Era velho, firme e oxidado. Olhou para a fechadura imensa e antiquada e iluminou as dobradiças. Estavam profundamente incrustadas de ferrugem. Procurando em volta, ele encontrou um pedaço de ferro para usar como alavanca. Cem anos de ferrugem haviam devorado o cofre. A velha tampa desgastada foi levantada devagar e, num último e grave rangido, desnudou o tesouro — e ele viu o brilho opaco do ouro.

“Cabum!”

Um rangido baixo, estrondoso e reverberante, assaltou-lhe os ouvidos. Ele se levantou e olhou em volta. Tudo estava imóvel, um breu. Tateou em busca de sua lanterna e iluminou ao redor. Foi quando entendeu. A grande porta de pedra se fechara. Ele esqueceu o ouro e encarou a morte face a face. Então, com um suspiro, começou a trabalhar metodicamente. Sentia na testa o suor frio. Procurou, bateu, empurrou sem parar até que, depois do que pareceram horas intermináveis, sua mão esbarrou em um pedaço de metal

frio e a grande porta, mais uma vez, se moveu asperamente nas dobradiças. Em seguida, ao bater em algo macio e pesado, parou. Só restou espaço para ele passar espremido. Ali estava o corpo do escriturário do cofre, frio e rígido. Ao encará-lo, sentiu-se mal e nauseado. O ar parecia inexplicavelmente infecto, com um odor intenso e estranho. Ele deu um passo à frente, agarrou-se ao vazio e caiu desmaiado sobre o cadáver.

Despertou com uma sensação de horror, desvencilhou-se do corpo num salto e subiu as escadas se arrastando, chamando pelo guarda. Encontrou-o sentado como se dormisse, e o portão balançando aberto. Passou os olhos por ele e subiu apressado para a câmara intermediária. Em vão, chamou pelos vigias. Sua voz ecoou duas vezes bizarramente. Subiu correndo até o grande subsolo. Aqui outro guarda jazia de bruços, frio e imóvel. Um temor tomou o coração do mensageiro, que subiu desabalado até o banco. A quietude da morte reinava por toda parte, e por toda parte curvavam-se, vergavam-se e estiravam-se as formas silenciosas dos homens.

O mensageiro parou e olhou ao redor. Ele não era um homem facilmente impressionável, mas a visão era apavorante. “Roubo e assassinato”, murmurou devagar para si ao ver a boca retorcida e babada do presidente, estatelado em sua mesa. Então, um novo pensamento se apossou dele: e se o encontrassem aqui sozinho — com todo esse dinheiro e todos esses homens mortos —, quanto valeria sua vida? Olhou ao redor, foi na ponta dos pés até uma porta lateral e, mais uma vez, olhou para trás. Com cuidado, girou a maçaneta e saiu na Wall Street.

Como estava quieta a rua! Nenhuma alma viva e, no entanto, era meio-dia. Wall Street? Broadway? Ele olhou de cima a baixo quase sem controle, depois para o outro lado da rua e, enquanto olhava, um sentimento de horror doentio congelou-lhe os membros. Com um grito engasgado do mais absoluto pavor, ele se apoiou de forma brusca na fachada do prédio gélido enquanto encarava impotente a cena.